
UMA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: DO MÉTODO À METODOLOGIA

MARIA LAURA SILVEIRA*

The Concept of Geographical Situation: From Method to Methodology

We propose to discuss the concept of geographical situation as a possible methodological tool to the analysis of territory. For this it is needed to revisit the regional geography's legacy, and later to take in account some premises of situational analysis in social sciences. Finally, we try to understand a geographical situation as a historical construction, a result of a system of events. In it we will recognize technical objects, ac-

tions, modes of regulation, agents, scales, ideologies, discourses, images. Our proposition supposes an analysis of situations viewed as an existential analysis. However, in this methodological construction, we must do a selection and hierarquization effort. Variables don't play the same part and they don't have equal value. That way, the situation arises toward a theory, being able to include the called real in a previous system of ideas.

Testemunhamos, hoje, a produção de uma nova história no mundo, nos países, nos lugares. É o período da globalização, caracterizado pela influência acelerada de fatores originados acima do Estado. Todavia, curtos-circuitos e arranjos instalam-se no território, graças ao encontro desses fatores com as formas do trabalho e da vida nos lugares e as mediações da formação socioespacial. Trata-se da produção de uma nova geografia.

Como estudar a nova geografia?

Graças às novas técnicas e à circulação da informação, essa geografia do mundo atual desponta como uma totalidade e, por isso, defrontamo-nos

* Doutora em Geografia. Pesquisadora do CNPq no Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo. Professora-Assistente na Universidad Nacional del Comahue, Neuquén, Argentina.

com a necessidade de produzir um esquema metodológico que permita elaborar um retrato dos lugares na história do presente. Mas esse esquema só pode ser construído se embasado numa teoria. Partimos, como nos propõe M. SANTOS (1991; 1996: 51), do entendimento do espaço como "um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações".

E, nesse sistema de conceitos, a idéia de situação geográfica poderia, talvez, contribuir para uma proposta de método. Trata-se, todavia, de um sentido diferente daquele das noções legadas pela geografia regional, na qual o sítio era entendido como uma localização apropriada para um hábitat ou atividade em função de características físicas e de entorno imediato, e a situação fazia alusão às características geográficas de um lugar resultantes das relações com outros lugares.

Outras definições poderiam, nessa direção, ser acrescentadas. Segundo A. BAILLY e H. BÉGUIN (1982: 109), o sítio envolve as características do meio local de implantação da cidade enquanto a situação se refere às relações da cidade com um meio físico exterior mais longínquo. P. e G. PINCHEMEL (1988, 1994: 355) caracterizam o sítio em função de dados naturais (ainda que essa noção não tome seu pleno valor se não levar em conta sua relação com redes de centros e vias), reservando o conceito de situação para descrever uma posição próxima ou periférica em relação ao mercado, tal como utilizado no modelo de von Thünen.

Mas a idéia de situação que propomos discutir aqui é vinculada à noção de evento. Segundo M. SANTOS (1996: 115), o evento é um veículo de uma ou algumas das possibilidades existentes no mundo, na formação socioespacial, na região, que se depositam, isto é, se geografizam no lugar. Por isso, uma situação geográfica supõe uma localização material e relacional (sítio e situação), mas vai além porque nos conduz à pergunta pela coisa que inclui o momento da sua construção e seu movimento histórico.

Os eventos criam, de um lado, uma continuidade temporal, susceptível de ser cindida em períodos significativos e, de outro, uma coerência espacial que é dada pelos sistemas de eventos nos lugares. Constrói-se, a cada momento histórico, uma extensão dos fenômenos no lugar, que é uma manifestação da coerência do real.

A situação decorreria de um conjunto de forças, isto é, de um conjunto de eventos geografizados, porque tornados materialidade e norma. Muda, paralelamente, o valor dos lugares porque muda a situação, criando uma nova geografia. Assim, ao longo do tempo, os eventos constroem situações geográficas que podem ser demarcadas em períodos e analisadas na sua coerência.

Os esforços da análise situacional

Um autor como K. MANNHEIM (1935, 1940: 299) define a situação como uma configuração única – no sentido de que a história produz coisas

únicas –, formada no processo de interação entre certas pessoas. Os participantes da situação não têm obrigatoriamente intencionalidades coincidentes explícitas, mas suas atividades possuem um tema comum que define a natureza do seu esforço.

Mas não são também empresas, instituições e grupos, participantes de uma situação? É graças à materialidade que esses diversos agentes edificam e às suas formas de organização e de fazer que, a cada momento da história, podemos identificar os sistemas técnicos.

Essas atividades convergentes e divergentes, produtos de alianças e conflitos em permanente devir, não se fazem sem os objetos e as ações que compõem o espaço geográfico. São, portanto, as formas do acontecer solidário, propostas por M. SANTOS (1996: 132) e entendidas como "a realização compulsória de tarefas comuns, mesmo que o projeto não seja comum", que nos conduzem à identificação de situações. Por conseguinte, uma situação – que é sempre real e singular – pode ser percebida, a um só tempo, como uma construção histórica, concreta, e como uma construção metodológica, lógica e coerente. Nesse processo de apreender a realidade, não é suficiente, como nos diz P. GRÉCO (1967: 931), que descrevamos ou produzamos os fatos; é preciso enfrentar a tarefa de elaborar o sentido.

No campo das disciplinas sociais, diversas propostas de análise situacional foram empreendidas. Poderíamos, aqui, mencionar algumas. É o próprio K. MANNHEIM (1935, 1940: 233) quem postula a análise de situações como um conhecimento da realidade oposto àquele fundado na demonstração de regularidades, pertencente ao pensamento indutivo e que descontextualiza os objetos de estudo. Ao contrário, segundo esse pensador, a análise de uma situação comporta a unidade da ação da qual o objeto individual faz parte.

Já o geógrafo B. WERLEN (1993: 43, 44, 45, 46), na sua importante obra sobre o papel decisivo da ação no espaço geográfico, faz um contraponto entre a explicação causal, na qual A conduz a B, e a análise situacional. Atribuindo este método a K. POPPER, o autor discorre sobre suas virtualidades para reconstruir as ações humanas endereçadas à resolução de problemas. Compreendida a situação em que o agente se encontra, a ação se torna inteligível, isto é, adequada a esse instante na visão do agente. É por isso que a análise, continua Werlen, deve distinguir entre a situação vista pelo agente e a situação ela própria, e os elementos mais importantes da análise deverão ser os objetivos, a situação, a lógica e a explicação.

Enquanto as correntes marxistas dão especial ênfase à idéia de situação, a psicanálise destaca a importância do indivíduo singular. E a questão da singularidade é retomada por J.-P. SARTRE (1960, 1979: 34, 53, 54, 72, 101), ainda que sem falar de análise situacional, quando se refere ao que chama de síntese concreta como forma de abordar a realidade. No processo de totalização, isto é, no próprio movimento da história, podemos, metodologicamente, compreender momentos, cristalizações analíticas, totalidades

contendo singularidades. Estas são dadas pelos acontecimentos, plenos de especificidade, sem cuja existência não se verificam as análises *a priori* das situações.

Por uma noção de situação em Geografia: a análise das existências

À profusão de eventos que caracteriza uma situação como construção histórica corresponde, no plano da construção metodológica, um esforço de seleção e hierarquização. Nem todas as variáveis entram nesse jogo, nem todas ganham o mesmo valor na sua elaboração. Assim, a situação nasce, à luz de uma teoria, como um concreto pensado, capaz de incluir o chamado real num prévio sistema de idéias.

Como ensina P. GEORGE (1966, 1969: 14), todos os elementos "agem em conjunto para definir uma situação geográfica, reforçando-se ou contrariando-se uns aos outros" e, por isso, "as coletividades humanas não vivem com cada um dos elementos do meio, mas com todos ao mesmo tempo". É preciso, então, aceitar o conselho de J. BEAUJEU-GARNIER (1971: 100), quando nos adverte que o geógrafo deve escolher os elementos que lhe parecerem fundamentais e, a partir deles, descobrir o complexo de relações.

Não nos esqueçamos, porém, de que nessa mesma direção. E. DURKHEIM (1895, 1985: 87) já assinalava que "fazer o inventário de todas as características que pertencem a um indivíduo é problema insolúvel. Todo indivíduo é um infinito, e o infinito não pode ser esgotado". Essa é uma premissa importante no esforço de definição de uma situação geográfica.

Buscar-se-á, então, a delimitação de uma totalidade ou, em palavras de L. GOLDMANN (1967: 1002), uma cisão que deve ver os objetos de estudo como estruturas significativas, para que cada elemento seja compreendido na sua situação no conjunto. É a preocupação por atingir aquilo a que K. KOSÍK (1963, 1989: 36) já se referia como "totalidade concreta", que não é dada por todos os fatos, todos os aspectos, todas as coisas, todas as relações.

Trata-se, assim, de cindir a geografia do mundo em subtotalidades, que se tornam estruturas significativas para cada conjunto de eventos. Uma cisão da totalidade é uma nova totalidade com um significado, uma estrutura num conjunto mais abrangente, uma estrutura e um sistema porque sua realidade é dada pelo movimento.

Essa perspectiva permitir-nos-ia alguns partidos de método. Diante do esforço de analisar uma região, não seríamos convocados a estudar todos seus elementos conhecidos num inventário sem hierarquias, mas a compreendê-la como uma ou mais situações significativas, decorrentes da geografização dos eventos, detectando certos problemas-chave que obrigam, com mais evidência, a uma permanente referência ao país, ao mundo e a uma indagação sobre seus dinamismos.

Se a situação pode ser proposta como um recorte da história do presente, há, também, a necessidade de elaborar esquemas para reconstruir situações pretéritas (M. ABREU, 1996: 14 e 16). É a reprodução de contextos passados, nos quais a premissa é a descoberta de heranças e novidades significativas a cada momento. O significado é infundido pela periodização que dá valor às coisas.

Será mesmo que uma situação pode ser definida como um conjunto de eventos, um sistema de eventos? Será ela o rebatimento sobre o espaço daquilo que a geografia tradicional considera como “escalas”? (M. L. SILVEIRA, 1996) A questão resta aberta. A situação é um resultado do impacto de um feixe de eventos sobre um lugar e contém existências materiais e organizacionais. Inovações técnicas e novas ações de empresas de força diversa, dos vários segmentos do Estado, de grupos e corporações difundem-se num pedaço do planeta, modificando o dinamismo preexistente e criando uma nova organização das variáveis. A chamada escala e a situação se confundiriam?

A área de ocorrência pode ser assimilada à idéia de situação e a técnica permite identificar e classificar os elementos que constroem as situações. É a ordem, sempre diversa, com que os objetos técnicos e as formas de organização chegam a cada lugar e nele criam um arranjo singular, que define as situações, permitindo entender as tendências e as singularidades do espaço geográfico. Porque são inter-relacionados e interdependentes, os eventos participam das situações. Uma plantação de soja é um fenômeno prenhe de técnica crescentemente universal que assume, em Mato Grosso do Sul ou nos pampas argentinos, uma singularidade própria do acontecer no lugar. E, da mesma maneira, uma área de livre comércio ou de isenção de impostos é um conteúdo normativo, pautado por imperativos mundiais e nacionais, que assume um conteúdo diferente em cada situação geográfica.

Os objetos e as ações que participam da construção e reconstrução da situação têm raramente a mesma idade e a mesma intencionalidade. Por isso, a situação geográfica pode ser vista, também, como o movimento do diverso buscando uma maior diferenciação e especialização a partir de comandos progressivamente unificados. Se, de um lado, os lugares participam de um comando e de um ritmo unificados, graças às técnicas que permitem um maior conhecimento como o uso do satélite no campo para diagnosticar as necessidades de insumos ou o volume da safra, de outro lado, eles não se homogeneizam graças aos seus arranjos anteriores e à multiplicidade de intencionalidades e ações. As normas também participam da tendência à unificação dos lugares porque convidam à repetição. Todavia, as situações nos lugares são diferentes e sua abordagem permitiria captar o diverso.

Em conseqüência, uma situação é, também, um encontro contraditório de valorizações dadas pelos diversos “segmentos” da sociedade aos sistemas técnicos e, em decorrência, aos lugares. As normas surgem, outrossim, desse confronto e participam na criação de situações.

A situação é criação e recriação da contradição num contexto. Daí a possibilidade de encontrar pares dialéticos como o mercado e o Estado, o novo e o velho, o interno e o externo (M. SANTOS, 1985, 1988), que em cada situação se recriam com novas oposições entre regulação e a chamada desregulação (que é uma neo-regulação), consumo e cidadania, conservação e inovação, abertura e protecionismo, ações normatizadas e ações rebeldes, globalização e projetos nacionais, globalização e xenofobia e tantas outras.

E essas contradições desenvolvem-se sobre heranças materiais e heranças organizacionais (que são também normativas), funcionando graças a formas técnicas e sociais. A situação é um cenário para as novas formas de produção e de vida, para as novas ações e para a implantação de novos objetos, respondendo a novas racionalidades, a novas intencionalidades, a novos futuros. Ela é feita de tempos que serão formas, condicionando, então, os eventos e acolhendo possibilidades.

A proposta supõe uma análise de situações que seja, sobretudo, uma análise das existências. Por conseguinte, a situação não poderá ser definida somente pelos agentes e sua cosmovisão, como quer Werlen, mas também pelas formas – materiais, jurídicas, discursivas, simbólicas e outras.

Por isso podemos reconhecer numa situação geográfica: objetos técnicos, ações, normas, agentes, escalas, ideologias, discursos, imagens, que são diversos no processo histórico e nos lugares. Da combinação desses dados nos lugares decorrem formas de vida concretas e, ao mesmo tempo, poderão ser pensadas formas de vida possíveis.

Se a indagação dos sistemas técnicos, entendidos como objetos técnicos e como formas de fazer, nos ilumina um caminho de pesquisa, a idéia de situação surge como uma "mira" ou uma "janela", donde podemos ver o movimento conjunto e permanente dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações.

A situação é uma manifestação, um produto provisório e instável do movimento de totalização, enquanto o evento pode ser visto como uma "unidade" de movimento desse processo. Daí a necessidade de "rever o todo como realidade e como processo, como uma situação e como movimento" (M. SANTOS, 1996: 63).

Cabe, assim, à noção de situação geográfica aquilo que E. CASSIRER (1973, 1982: 108) assinala como condição de todo conceito: a busca de uma "unidade do múltiplo", um vínculo de relação entre o individual e o universal. Se isolamos, pois, um desses dois momentos, destrói-se a síntese que todo conceito se propõe conseguir.

A situação geográfica cristaliza uma dada divisão territorial do trabalho e revela o caminho da instalação de uma nova divisão territorial do trabalho. Por isso, o pesquisador deve descobrir-inventar a variável-chave, isto é, o problema que comanda um sistema para compreender a produção da unicidade e da diferença numa plantação moderna, num campo de petróleo, numa área regulada pelos imperativos do mercado global. Encarnando os

processos de construção histórica do meio técnico-científico-informacional, a situação permitir-nos-ia encontrar as mediações entre o mundo, seus eventos e a vida nos lugares.

Assim, a situação reafirma a especificidade do lugar e, metodologicamente, aparece como uma instância de análise e de síntese. É uma categoria de análise porque permite identificar problemas a pesquisar e, desse modo, compreender os sistemas técnicos e as ações no lugar. Mas, ela propõe, ao mesmo tempo, uma síntese, pois é um olhar horizontal de conjunto, um olhar sobre o espaço banal, exigindo, também um olhar vertical, ambos no processo permanente da história.

Nó de verticalidades e horizontalidades, a situação não é apenas um pedaço do território, uma área contínua, mas também um conjunto de relações. É uma combinação que envolve, de um lado, fragmentos e solidariedades vizinhos porque constituída de pedaços contíguos de sistemas de objetos e das ações emanadas de um trabalho comum e, de outro, vinculações materiais e organizacionais longínquas e mais ou menos alheias ao lugar, como as redes e as formas de consumo e produção globalizadas.

Construção histórica e concreta, uma situação é, sobretudo, um instrumento metodológico, fértil para abrigar, num esquema lógico e coerente, os conteúdos do espaço geográfico a cada momento, atualizando assim os conceitos. E, por isso, ela exige um esforço de seleção e hierarquização das variáveis numa estrutura significativa do real em cada período histórico.

Bibliografia

- ABREU, M. (1996): Sobre a memória das cidades, in *O discurso geográfico na auro-ra do século XXI*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 27-29 nov. (mimeo).
- BAILLY, A. S. et BEGUIN, H. (1982): *Introduction à la Géographie Humaine*. Paris, Masson.
- BEAUJEU-GARNIER, J. H. (1971): *La Géographie: méthodes et perspectives*. Paris, Masson.
- CASSIRER, E. (1982) [1942]: *Las ciencias de la cultura*. (*Zur Logik der Kulturwissenschaften*, 1942). México, Fondo de Cultura Económica, 5ª reimp.
- DURKHEIM, E. (1985) [1895]. *Las Reglas del Método Sociológico*. (*Les règles de la méthode sociologique*). Traducción L. E. Echevarria Rivera. Madrid, Orbis Hyspamérica.
- GEORGE, P. (1969) [1966]. *Sociologia e geografia (Sociologie et Geographie)*. Traducción Sérgio MICELI. Rio de Janeiro, Companhia Editora Forense.
- GOLDMANN, L. (1967): Épistémologie de la sociologie, in PIAGET, Jean (direction), *Logique et connaissance scientifique*. Encyclopédie de la Pléiade, Paris, Gallimard, pp. 992-1018.

- GRÉCO, P. (1967): *Épistémologie de la psychologie*, in PIAGET, Jean (direction), *Logique et connaissance scientifique*. Encyclopédie de la Pléiade, Paris, Gallimard, pp. 927-991.
- KOSÍK, K. (1989) [1963]. *Dialética do concreto*. (*Dialektika konkrétniho*). Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 5ª ed.
- MANNHEIM, K. (1940) [1935]: *Man and Society in an Age of Reconstruction*. *Studies in Modern Social Structure*. (*Mensch und Gesellschaft im Zeitalter im des Umbaus*, Leiden, Holland). Translated by Edward SHILS. New York, Harvest Book.
- PINCHEMEL, P. e PINCHEMEL, G. (1994) [1988]: *La Face de la Terre*. *Éléments de Géographie*. Paris, Armand Colin, 3ª ed.
- SANTOS, M. (1991): O espaço: sistemas de objetos, sistemas de ações, in *Anais do IV Encontro Nacional da ANPUR*, Salvador, pp. 35-39.
- SANTOS, M. (1988) [1985]: *Espaço e Método*. São Paulo, Nobel.
- SANTOS, M. (1996): *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo, Hucitec.
- SARTRE, J.-P. (1979) [1960]: *Crítica de la Razón Dialéctica*. Precedida de Cuestiones de Método (*Critique de la Raison Dialectique – précédé de Questions de Méthode*, Gallimard, 1960). Traducción de Manuel Lamana. Buenos Aires, Losada, 3ª ed.
- SILVEIRA, M. L. (1996): Escala geográfica: da ação ao império?, in *O Discurso Geográfico na Aurora do Século XXI*, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (mimeo), 11 págs.
- WERLEN, B. (1993) [1988]: *Society, Action and Space*. London, New York, Routledge.